



Ucrânia denuncia ações da Rússia, que teria mirado, propositalmente, alvos civis durante ofensivas com mísseis na região de Odessa, deixando 21 mortos. Presidente da Bielorrússia, aliado de Moscou, acusa Kiev de tentar bombardear o país

"TERROR DELIBERADO"

O presidente ucraniano, Volodymyr Zelensky, denunciou ontem a Rússia pelo que chamou de "terror deliberado", em referência a ataques letais na região de Odessa. Na sexta-feira, três mísseis destruíram um complexo turístico e um edifício de grande porte em Serhiivka, na costa do Mar Negro. A investida teria provocado a morte de 21 pessoas, incluindo uma criança de 12 anos. Outras 38 vítimas ficaram feridas.

Segundo o governante, não se trata de acidente. "Isso é terror russo deliberado e não erros ou um ataque acidental com mísseis", denunciou Zelensky. Não havia alvo militar no local do ataque, disseram as autoridades da cidade, situada a 80km de Odessa. Zelensky voltou a pedir ao Ocidente que envie sistemas antimísseis à Ucrânia. Em resposta, o Kremlin garantiu que "as forças armadas da Rússia não operam contra alvos civis" no país vizinho. A reação foi descrita pelo governo alemão como "desumano e cínico".

"Peço aos nossos parceiros que forneçam à Ucrânia sistemas de defesa antimísseis o mais rápido possível. Ajudem-nos a salvar vidas", implorou o ministro das Relações Exteriores, Dmytro Kouleba, chamando a Rússia de "Estado terrorista". Respondendo à demanda, o Pentágono anunciou US\$ 820 milhões em nova ajuda militar a Kiev, incluindo até 150 mil projéteis de 15mm, novos mísseis para os lançadores múltiplos de foguetes Himars, que chegaram recentemente ao campo de batalha, bem como sistemas de defesa antiaérea Nasams. A Noruega, por sua vez, anunciou uma doação de cerca de 960 milhões de euros.

Armamento soviético

De acordo com o exército ucraniano, os projéteis usados contra Serhiivka foram mísseis de cruzeiro soviéticos datados da Guerra Fria e projetados para atacar porta-aviões, do mesmo tipo daqueles que atingiram um shopping center em



Investigador de crimes de guerra e socorristas avaliam edifício destruído na cidade de Serhiivka: novo pedido de ajuda ao bloco europeu



Mulher caminha em frente a prédio residencial atingido em Bakhmut

Kremenchuk em plena luz do dia, matando pelo menos 19 pessoas, há uma semana. Zelensky reconheceu que a situação continua "extremamente difícil" em Lysytschansk, onde a maior parte dos combates está concentrada e onde os russos "tentam cercar" o exército ucraniano "pelo sul, leste e oeste", segundo o governador

local, Serguïi Gaïdaï.

Ontem, combates ferozes ocorreram na cidade que, segundo os separatistas pró-russos, está cercada, embora o exército ucraniano negue e afirme que continua resistindo no município mais importante que controla na bacia do Donbass. "Felizmente, a cidade não está cercada

e está sob o controle do exército ucraniano", garantiu o porta-voz da Guarda Nacional, Ruslan Muzychuk. Na véspera, o Ministério da Defesa russo anunciou que suas forças "chegaram na 'pesadas perdas' ao exército ucraniano na entrada Lysytschansk" e infligiram. Trata-se da última grande cidade que ainda não está nas mãos de Moscou na região de Luhansk.

Cerca de 60km mais a oeste, em Sloviansk, uma cidade do Donbass não muito distante das de Izium e Lyman — ambas nas mãos das forças russas —, um ataque com foguetes atingiu casas habitadas na sexta à noite, causando a morte de uma mulher, segundo a agência France Presse. De acordo com o governador da região de Donetsk, Pavlo Kyrlyenko, quatro civis foram mortos e 12 feridos em Sloviansk desde a manhã de sexta-feira.

Ilustrando a questão da guerra de grãos imposta pelo Kremlin, e que preocupa muitos países africanos dependentes

do trigo ucraniano para sua segurança alimentar, as forças de Kiev informaram na sexta-feira, com um vídeo de apoio, que tropas russas haviam atacado duas vezes com bombas de fósforo a Ilha das Serpentes, situada no Mar Negro, perto das costas ucraniana e romena, e considerada essencial para controlar o tráfego marítimo, de onde Moscou havia garantido no dia anterior ter se retirado em "sinal de boa vontade".

Na frente diplomática, a presidente da Comissão Europeia, Ursula von der Leyen, dirigindo-se ao Parlamento de Kiev por vídeo, pediu que as reformas anticorrupção sejam aceleradas, como parte da candidatura da Ucrânia à adesão ao bloco. Ela também exortou a aprovação de um projeto destinado a combater "a influência excessiva dos oligarcas na economia", sugerindo a adoção de uma "lei sobre a mídia, que alinha a legislação ucraniana com os padrões da União Europeia".

Parceiro russo eleva o tom

Em meio ao auge de versões sobre o envolvimento crescente de Bielorrússia, aliado da Rússia, na guerra, o presidente Alexander Lukashenko disse, ontem, que seu Exército interceptou mísseis lançados da Ucrânia contra seu país. "Eles nos provocam. Devo dizer que, há cerca de três dias, talvez mais, tentaram bombardear diretamente da Ucrânia alvos militares aqui. Graças a Deus, nossos sistemas antiaéreos Pantsir interceptaram todos os mísseis disparados", disse Lukashenko, citado pela agência estatal bielorrussa Belta.

"Repito, como disse há mais de um ano: não pretendemos lutar na Ucrânia", assinalou o presidente bielorrusso. "Iremos combater em apenas um caso: se vocês entrarem em nossa terra, se matarem nossa gente", continuou. Lukashenko também afirmou que responderia "instantaneamente" a qualquer ataque inimigo, em mensagem visivelmente destinada a Kiev e aos países ocidentais. "Há menos de um mês, ordenei a nossas Forças Armadas que mantenham na mira os centros de decisão de suas capitais", declarou, mencionando os mísseis prometidos por Putin e o sistema lançador de foguetes bielorrusso Polonez.

Na semana passada, o presidente russo, Vladimir Putin, anunciou que entregará mísseis Iskander-M, capazes de transportar ogivas nucleares, ao aliado "nos próximos meses". Desde o início da ofensiva contra a Ucrânia, em 24 de fevereiro, a Bielorrússia serviu como base de retaguarda para as forças de Putin. Nos primeiros dias, as colunas moscovitas que avançaram para Kiev partiram do país aliado, mas encontraram uma resistência inesperada, que os obrigou a se retirar. O governo de Lukashenko enfrenta duras sanções internacionais e é altamente dependente da Rússia no campo militar e econômico.

Paulo Delgado



contato@paulodelgado.com.br

COM HENRIQUE DELGADO

O FUTURO DA EDUCAÇÃO NÃO É BOM

Para educar uma criança é necessário uma aldeia inteira, resume um provérbio africano citado pelo papa Francisco na defesa de um Pacto Educativo Global. No mesmo documento, alerta que, para decodificar o mundo moderno, é preciso outra pedagogia que não queira amestrar e enquadrar os jovens no egoísmo de uma sociedade de negócios.

A educação entregou os pontos e seu futuro não é bom em países onde não funciona com autonomia. Como diz o escritor Guimarães Rosa, mestre não é quem sempre ensina, mas quem de repente aprende. Feita para libertar pessoas da ignorância, a escola não deve usar seu poder institucional sobre o aluno para doutriná-lo. Educação é porto de embarque, não cais de carga do saber.

É desorientada uma sociedade que não educa para a vida livre, suficiente, harmoniosa, capaz e prazerosa e que não capacita os jovens para os itinerários profissionais, distinguindo os

maus valores da civilização de consumo e da desigualdade humana. Não se trata de querer criar um homem novo, como pretendia Jean Jacques Rousseau, mas adultos capazes de conviver sem competitividade destrutiva, paixões sem discernimento e sem noção da necessidade mínima ou razoável para se viver.

Educar é uma atividade multidisciplinar, refinamento do espírito, visando a aquisição de atividades práticas e o conhecimento do próprio direito. É mais do que avaliar o desempenho dos alunos através de testes e provas. Educar é possibilitar superar preconceitos sem impor estereótipos, dar ao estudante instrumentos capazes de compreender e utilizar de forma civilizada a alta tecnologia, invenções e máquinas criadas pelo progresso.

Há países em que a responsabilidade de educar é do Estado, outros que até dizem isso na sua Constituição, mas que quem cuida mesmo

da questão é a família e o amor pelo futuro de seus filhos. A estética da educação somente se realiza se baseada na ética com que o país valoriza o ensino. As estatísticas produzidas por avaliações internacionais comparativas não são tudo, mas não há dúvidas de que, sem esforço sistemático e organizado, é difícil conseguir passar da opinião para o conhecimento.

Navegar por conta dos avanços digitais não tem sido suficiente para enfrentar o mundo moderno. Uma boa diretora, um "quadro negro", a voz do aluno e do professor podem conter mais conhecimento do que o computador. Sem compreender a simplicidade da importância da educação, a evolução do mundo vai ser entendida como instrumento de poder e distinção e não usufruto do saber para a mudança das mentalidades.

Os países tentam se proteger aos olhos do mundo, pois sabem que o

coração humano é terra desabitada e a felicidade um estado de receio. A China escolhe poucas cidades onde permite que as avaliações internacionais façam suas pesquisas. Assim, Xangai, obtém posições privilegiadas nos indicadores de qualidade. Cingapura está sempre bem em todas as avaliações, mas o Canadá, que está um pouco atrás, é muito melhor para se viver de forma livre e democrática. Contextos geopolíticos e valores humanos universais contam, pois educado é quem vive harmoniosamente.

Há países, como a Coreia do Sul e o Japão, em que a educação é tão espetacular que finge não ver sua consequência para a alma dos jovens que desistem de viver antes da hora diante da angústia de fazer currículo de eficiência. Educar só vale a pena para a felicidade.

A importância da educação para a realização de anseios pessoais pode ser tratada das maneiras mais diversas. Entre outras abordagens, ela é via de acesso fundamental à garantia da cidadania; é o meio pelo qual as pessoas desde a infância organizam seu intelecto para compreender,

participar e alterar a sociedade onde vivem; é a estrutura de formação de competências e desenvolvimento de talentos para desempenharem papéis específicos na economia e nas diversas especialidades profissionais. Nenhuma dessas abordagens é absoluta, sabedoria é multidisciplinaridade.

Inegável é que o sistema educacional de um país reflete a cara do panorama institucional que compreende e rege a sociedade. Sendo assim, se a educação molda e limita os sonhos do indivíduo, o sistema educacional freia os anseios gerais do povo. A educação não resolve o problema de quem vê o saber como negócio para a transmissão de poder arbitrário. Educação é para ficar modesto e respeitado e não pateta, tirano ou Pinóquio.

A capacidade de dar um tratamento pragmático e racional à luta pela sobrevivência, e o esforço de mais aprender, faz da educação o contrário do excesso e da ostentação. Ser educado é a melhor maneira de sentir da vida o tempo para seguir vivendo sem desespero.

PAULO DELGADO, sociólogo